

Vestígios da Expansão Portuguesa – Nem tudo o que parece é!!!

O Suplemento “*Fugas*” do Jornal “*Público*” de 26/09/09, dá-nos conta, pela pena do Presidente do Centro Nacional de Cultura, de mais uma iniciativa dessa organização em busca dos vestígios da Expansão Portuguesa, desta vez assente numa viagem pelas “arábias”.

Se se tratasse de um vulgar roteiro turístico, tal texto não mereceria qualquer comentário, mas, atendendo à responsabilidade de quem o assina e à organização que representa, justificam-se algumas pequenas notas a seu respeito.

Em primeiro lugar, afigura-se que está destituída do mais elementar bom-senso a evocação do forte português de Curiate perante a construção do séc. XIX que se encontra nessa localidade, e que não passa de um edifício com fins policiais e administrativos que foi enfeitado com uma torre e umas ameias sem qualquer interesse bélico.

E também não faz sentido lamentar-se o desaparecimento da “fortificação portuguesa” em Calaiate quando não existe qualquer referência histórica que aponte para a hipótese dos portugueses aí terem construído uma fortaleza.

Noutro aspecto, e, vindo de quem vem, não se percebe a referência a visitas no séc. XIII, incluindo Marco Pólo, à Ormuz que conhecemos, dado que a ilha de Gerun (o nome exacto não é pacífico) onde se situa, só foi habitada no séc. XIV. A Ormuz que Marco Pólo visitou era a “Velha Ormuz”, situado no território continental, perto da actual cidade de Minab e cujo papel, a partir do séc. XIV, foi substituído pela nova cidade que foi instalada naquela ilha. Uma obra facilmente acessível, mas dotada de indiscutível rigor histórico, como é “Ormuz – Conquista e Perda” de Dejanirah Conto e Rui Loureiro, seria suficiente para afastar tiradas literárias que nada têm a ver com a realidade.

Diga-se também que a porta da fortaleza “Mirani”, em Mascate, está datada de 1588 e o seu aspecto em nada se assemelha à arquitectura manuelina, não se percebendo a elogiosa referência que é feita nesse sentido.

Mais estranha ainda será a afirmação de que o Barém teria sido conquistado pelos portugueses em 1559, quando estes já aí se encontravam estabelecidos desde o início dos anos vinte desse século.

Em 1559, os portugueses, aliados com o Sultão do Barém, derrotaram uma tentativa de invasão turca, mas, nessa operação militar, a nossa posição era de apoio ao poder local no Barém e não o contrário.

Estranho é também que se afirme que a fortaleza que os portugueses construíram no Barém nunca foi conquistada e teria sido abandonada após a queda de Ormuz, quando, Ormuz foi perdido em 1622 e os portugueses foram expulsos do Barém vinte anos antes, em 1602, após a ocupação da fortaleza por militares persas.

Poder-se-iam fazer reparos a outras afirmações, mas, aquelas que se indicam serão suficientes para se avaliar da falta de cuidado com que foi escrito o referido artigo.

E, na verdade, apenas de falta de cuidado se poderá tratar. Os vestígios da Expansão Portuguesa, nos seus mais variados aspectos têm originado, nos últimos tempo, várias e entusiasmantes iniciativas, e é natural que esse entusiasmo, por vezes, faça esquecer o necessário cuidado com a realidade.

No que diz respeito a esta matéria, a anterior Ministra da Cultura, em artigo de opinião publicado no “*Diário de Notícias*” de Lisboa de 4/11/09, criticava o programa do actual Governo naquela área, assacando-lhe o “linguajar com laivos pós-coloniais”

utilizado em propostas “que têm a pecha megalómana de disparar para todos os lados” fazendo notar que, onde esse programa referia “países onde existem monumentos portugueses” seria “mais sensato e realista dizer de origem ou inspiração portuguesas”.

É francamente de saudar este realismo, que contrasta com propostas que se revelaram como sendo pouco mais do que demagógicas que foram apresentadas no anterior Governo de que a ex-ministra fez parte, mas, é oportuna esta chamada de atenção de Isabel Pires de Lima face ao perigo dos entusiasmos a que atrás se fez referência.



1. O edifício de Curiate construído no séc. XIX dificilmente se consegue imaginar qualquer comparação com um forte português.



2. A porta da fortaleza Mirani em Mascate datada de 1588 – onde estará o estilo “manuelino”?